



**Escravo,
nem pensar!**

Almanaque do alfabetizador



Trabalho Escravo
Vamos abolir de vez
essa vergonha.

Brasil
REPORTER

GOVERNO FEDERAL

*Presidência da República
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

*Diretora do Escritório de Brasília da Organização Internacional do Trabalho
Laís W. Abramo
Projeto de Combate ao Trabalho Escravo no Brasil
Coordenadora Patrícia Audi*

ONG REPÓRTER BRASIL

Projeto "Escravo, nem Pensar!"

Coordenador Leonardo Sakamoto

Redatora Paula Takada

*Equipe editorial Andréa Leal, Ana Paula Severiano,
Carlos Juliano Barros, Cláudia Carmello, Gabriela Castello,
Mariana Sucupira, Maurício Monteiro Filho, Paula Gonçalves,
Paula Takada, Priscila Ramalho, Renata Summa.*

Projeto gráfico e diagramação Carolina Cunha

Ilustrações Bruno Palumbo

Infográfico Guilherme Colugnatti

Fotos Leonardo Sakamoto

reporter@reporterbrasil.com.br

Convênio MEC/OIT/ONG Repórter Brasil

Copyright ONG Repórter Brasil.

Copyright ONG Repórter Brasil.

É permitida a reprodução total ou parcial da publicação,
devendo citar fonte de referência.

Impresso no Brasil
Distribuição gratuita
2006



Caro alfabetizador,

Você está recebendo o almanaque “Escravo, nem Pensar!”, que traz importantes informações sobre o trabalho escravo dos dias de hoje. Uma escravidão diferente daquela que acabou no país em 13 de maio de 1888 com a assinatura da Lei Áurea. Mas que também rouba a dignidade e a liberdade do ser humano, e o transforma em instrumento de trabalho descartável.

Mais de 25 mil pessoas em todo o Brasil não podem voltar para casa depois de um dia cheio de serviço, pois estão presos em fazendas, garimpos e carvoarias. Ficam meses trabalhando sem salário, dormindo em barracos de lona improvisados, comendo mal, pegando malária e outras doenças, sob a mira de jagunços e de suas armas. Ir embora, só depois de terminado todo o serviço, que pode levar meses ou até anos! São muitas as histórias de pessoas que foram espancadas ou mortas quando reclamaram dessa situação ou tentaram fugir.

O governo federal e entidades da sociedade estão combatendo esse crime. Mas ele é grande e para combatê-lo é preciso da ajuda de todos. A informação é uma arma poderosa. Afinal de contas, é mais difícil enganar um trabalhador ou mesmo uma comunidade inteira se eles conhecem bem os seus direitos.

Alfabetizador, você tem uma grande responsabilidade: passar para outras pessoas as informações desse almanaque. No final de cada capítulo, existem algumas perguntas para iniciar um debate em sala de aula.

Este material foi feito através de uma parceria entre a ONG Repórter Brasil, a Organização Internacional do Trabalho e o Ministério da Educação, e faz parte do programa Brasil Alfabetizado. É voltado para alfabetizadores das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e o do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais – locais onde o problema do trabalho escravo é mais grave.

Contamos com a sua ajuda para acabar de vez com o trabalho escravo no Brasil!

Índice

PARTE I

| | |
|---|----|
| Capítulo 1 | 08 |
| Concentração de terras | |
| Capítulo 2 | 10 |
| Aliciamento | |
| Capítulo 3 | 12 |
| De onde os trabalhadores saem e para onde vão | |
| Capítulo 4 | 14 |
| O cotidiano da escravidão | |
| Capítulo 5 | 16 |
| A dívida | |

PARTE II

| | |
|-------------------|----|
| Capítulo 1 | 20 |
| A fuga | |
| Capítulo 2 | 22 |
| A denúncia | |
| Capítulo 3 | 24 |
| A libertação | |
| Capítulo 4 | 26 |
| Conclusão | |

PARTE III

| | |
|---------------------------------------|----|
| Apêndice | |
| Números do trabalho escravo no Brasil | 29 |
| Antiga escravidão x nova escravidão | 30 |
| ABC do trabalho escravo | 32 |
| “É preciso se defender” | 33 |

PARTE



1

[1]

Julião trabalhava no campo. Trabalhava duro o dia todo, mas mal conseguia se sustentar com a miséria que ganhava. Ele não tinha seu pedaço de terra para plantar. Por isso, trabalhava para um fazendeiro, ganhando muito pouco.

[2]

Um dia, Julião estava indo ao mercado quando viu um ônibus estacionado na praça. Um homem chamado Chico Maluco perguntou a Julião:
— Ei, você quer ganhar dinheiro?
— Quero sim! — respondeu Julião.
— Pois bem, venha comigo. Vou te levar para trabalhar na fazenda. Lá tem muito serviço e o salário é bom! — disse Chico Maluco.

[3]

Julião pensou um pouco, mas resolveu aceitar a proposta. Entrou no ônibus cheio de esperança. Conheceu outras pessoas na mesma condição que a dele. Ninguém sabia direito para onde estavam indo. A viagem foi muito longa, durou dois dias inteiros.

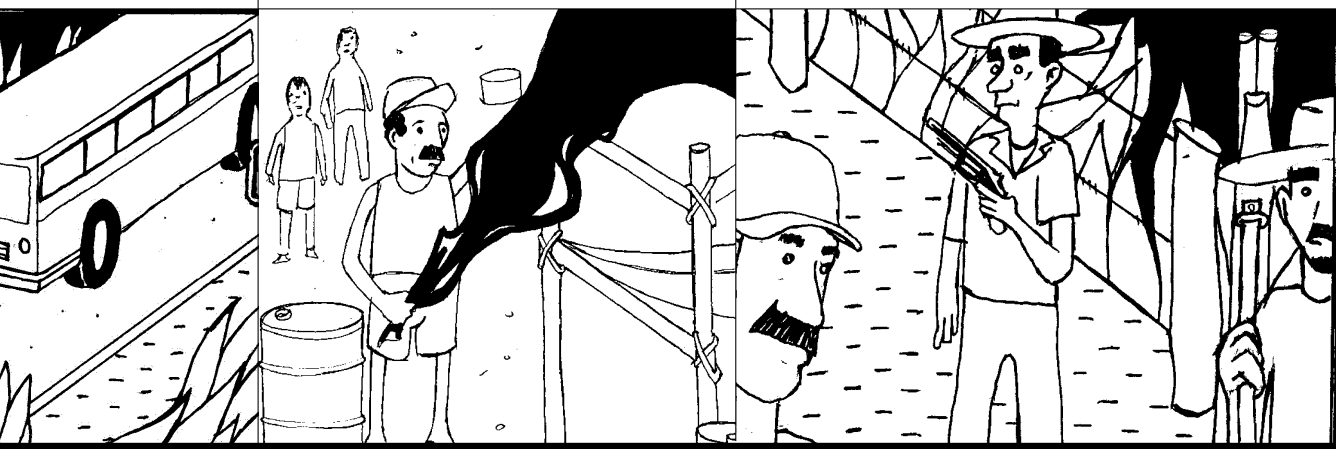


[4]

Chegando à fazenda, Chico Maluco mandou todos ao trabalho. Julião tinha que cortar muitas árvores, sem descanso. Eles precisavam derrubar floresta para fazer pasto para o gado do patrão. O alojamento era sujo, sem camas nem banheiro. Quando chovia, ficava todo alagado. Julião e seus amigos bebiam a mesma água que os bois.

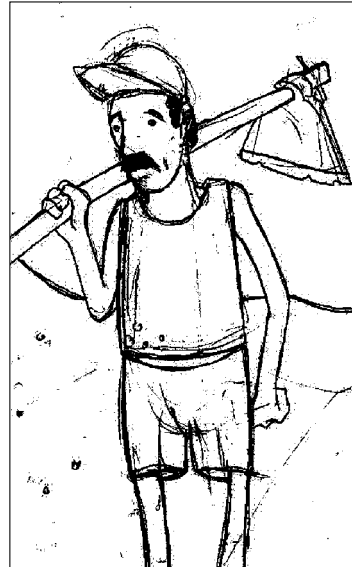
[5]

No final do mês, Julião estava contente, pois iria receber seu prometido salário. Julião foi falar com Chico Maluco:
— Que dia recebo meu salário?
— Receber? Você está louco? Todos vocês estão devendo dinheiro para mim! — disse Chico Maluco.
— Devendo!? — perguntou Julião. Como é possível? Trabalhamos tanto!
— Pois é, disse Chico Maluco. Vocês acham que comeram, beberam e dormiram de graça? E a passagem do ônibus? Tudo é muito caro. Então, descontamos R\$ 350 do salário de vocês. E olha que nem descontamos tanto. Cada um me deve só R\$ 50...



[1]

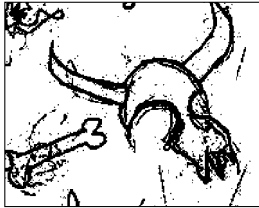
Concentração de terras



Assim como Julião, milhares de trabalhadores deixam suas casas porque não vêem outra saída para garantir seu sustento.

Para começar, esses trabalhadores não conseguem encontrar emprego no lugar em que vivem. Como têm acesso a pouca ou nenhuma educação, tornam-se parte de uma grande massa de mão-de-obra pouco especializada. E, como tem muita gente como eles querendo trabalhar e poucos empregadores querendo contratar, o trabalho deles fica muito barato. Isso porque, no desespero por um emprego, o trabalhador acaba aceitando trabalhar por qualquer mixaria, já que ele tem medo que outra pessoa aceite antes dele.

Mesmo assim, ganhando muito pouco, sobra muita gente sem trabalho. Você pode estar se perguntando: “Mas, com tanta terra no Brasil, por que essa gente não começa a plantar, então?”— e é aí que começa o segundo problema. No Brasil, existe uma grande concentração de terras. Isso significa que uma parte



muito grande das terras está nas mãos de muito poucas pessoas (os chamados latifundiários), enquanto muitas pessoas

dividem o pouco de terra que sobra. Um trabalhador, como o Julião, que quiser começar a plantar, vai ter muita dificuldade para conseguir o seu próprio pedaço de terra.

Além disso, mesmo que esse trabalhador tenha muita sorte e consiga seu pedacinho de chão, ele ainda vai enfrentar uma série de problemas. Antes de começar a produzir, o trabalhador rural precisa conhecer as técnicas adequadas para plantar. Precisa também de apoio do governo, como o crédito agrícola, que é um pequeno investimento, um pouquinho de dinheiro, para ele comprar as primeiras ferramentas, sementes, adubos, entre outras coisas necessárias para ele começar a plantação. Não se pode esquecer de que ele também necessita de formas de escoar os seus produtos, como mercados, feiras, boas estradas e assim vender o que colheu. Sem isso, vai ser muito difícil conseguir produzir alguma coisa nessa terra.



[2]

Aliciamento



A seca, a falta de terra e o desemprego eram motivos para a infelicidade de Julião. Para garantir o seu sustento ele decidiu partir com um tal de Chico Maluco para trabalhar cortando árvores na fazenda Boa Esperança, muito distante de sua casa. Como já tinha ouvido muitas histórias sobre o serviço farto nessas fazendas, não pensou duas vezes antes de aceitar a proposta de Chico Maluco.

Este homem que prometeu emprego para Julião é chamado de “gato”, ele é empregado do dono da fazenda e responsável pelo aliciamento dos trabalhadores para o trabalho escravo. Promete salário, alimentação e lugar para morar, e já no começo paga uma passagem de ônibus ou de caminhão (os famosos “paus-de-arara”) para os trabalhadores chegarem às fazendas.

Alguns homens fazem diferente de Julião. Deixam suas casas antes mesmo de conseguirem um trabalho e, sem moradia fixa, acabam se hospedando em hotéis de beira de estrada, conhecidos como “pensões” ou “hotéis peoneiros”, por hospedarem frequentemente peões. Esses trabalhadores são encon-




trados nesses lugares pelos gatos, que pagam suas dívidas e os levam às fazendas.


Nos dois casos, é por meio do gato que começa a viagem dos trabalhadores até o local em que serão escravizados.

O que diz o Código Penal

ALICIAMENTO DE TRABALHADORES DE UM LOCAL PARA OUTRO DO TERRITÓRIO NACIONAL

 **Art. 207.** Aliciar trabalhadores, com o fim de levá-los de uma para outra localidade do território nacional.

PENA: Detenção de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.

 **1º.** Incorre na mesma pena quem recrutar trabalhadores fora da localidade de execução do trabalho, dentro do território nacional, mediante fraude ou cobrança de qualquer quantia do trabalhador, ou, ainda, não assegurar condições do seu retorno ao local de origem.

Dicas para se proteger

★ Fique ligado. Ao pegar uma empreita, procure saber se o patrão vai garantir os seus direitos. Além disso, informe sua família qual o nome da fazenda, onde é que ela fica e quando voltará de lá. Deixe as informações também com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Se um “gato” tentar te enganar ou se você fizer um serviço e o patrão não te pagar, denuncie!

★ Não faça dívidas em hotéis e pensões.

★ A carteira assinada é um direito de todo trabalhador e um dever de todo patrão. Tanto faz o sistema de trabalho: empreita, contrato por safra, mensalista ou na diária. Nunca saia de sua cidade sem a Carteira de Trabalho assinada pelo dono da fazenda. E lembre-se: ele deve devolver a carteira assinada dentro de 48 horas depois que você a entregou a ele.

Questões para debater

Como Julião poderia fazer para se prevenir contra o gato?

Por que Julião se afastou da sua família sem ter certeza de que teria trabalho na fazenda que o gato ofereceu?

[3]

De onde os trabalhadores saem e para onde vão?

O destino principal dos trabalhadores como Julião são as fazendas na região da Fronteira Agrícola, exatamente onde a floresta amazônica é derrubada para dar lugar a pastos e plantações. Os estados do Pará e do Mato Grosso são os que mais recebem peões que acabam escravizados. Já o Maranhão, o Piauí e o Tocantins são os estados de onde eles mais saem.





Questões para debater

Quais são os estados que mais recebem trabalhadores? E quais os estados que mais fornecem peões? Por quê?
Quais os produtos das principais fazendas que utilizam trabalho escravo?

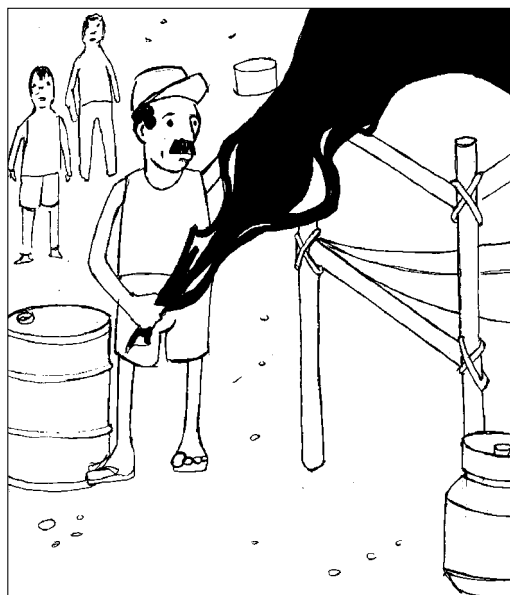
[4]

O Cotidiano da Escravidão

Na fazenda, Julião percebeu que tinha sido enganado. Suas condições de vida eram muito piores do que ele tinha imaginado depois de ter feito acordo com o “gato” Chico Maluco. Ele e os outros trabalhadores sofriam todos os dias com o trabalho pesado, com o alojamento sujo e a comida mal feita.

Julião tinha uma vida dura na fazenda. A alimentação era precária e quase nunca havia carne para ele comer. A mesma água suja era usada para beber, tomar banho e lavar a roupa.

O trabalho pesado, o contato com venenos, a alimentação fraca e falta de higiene faziam os trabalhadores sempre terem doenças e acidentes. O patrão e o “gato” nunca davam cuidados e abandonavam os trabalhadores doentes muito longe de qualquer hospital.



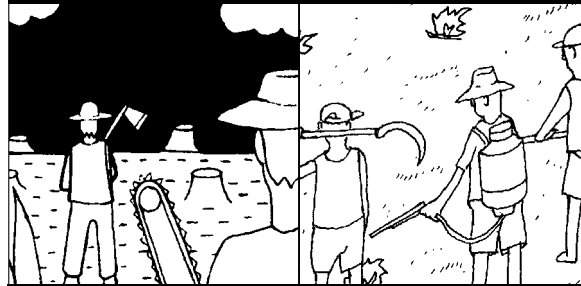


✂ TRABALHO PESADO E SEM SEGURANÇA



Cortar cana

Produzir carvão



Desmatar a floresta

Roçar a juqueira

 **PÉSSIMAS
CONDIÇÕES
DE VIDA**

Questões para debater

Como o fazendeiro economizou usando trabalho escravo? O que ele deixou de pagar ao trabalhador? Por que ele fez isso?

Por que as pessoas deixam suas casas em busca de trabalho?

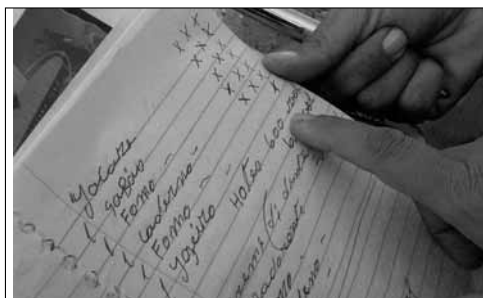
[5]



A dívida

A dívida que Chico Maluco dizia que Julião e seus colegas tinham feito por conta do transporte, alojamento e comida foi aumentando durante os meses de serviço.

O material de trabalho, como botas e enxadas, ele comprava na cantina da própria fazenda, pois a cidade era longe de lá. Todos os gastos eram anotados em um caderninho. Os preços cobrados eram muitos altos. No dia do pagamento, a dívida de Julião era maior do que o dinheiro que ele deveria receber.



Depois de trabalhar meses sem ganhar nada, Julião estava devendo e teve que voltar para o trabalho duro.

Além disso, ele e os outros trabalhadores eram sempre ameaçados. Até armas o “gato” Chico Maluco usava para eles não irem embora do serviço.

Questão para debater

A lei diz que o empregado não pode ser obrigado a comprar na cantina da fazenda e o patrão tem que fornecer de graça o material de trabalho e o equipamento de segurança.

Por que o patrão de Julião cobrava caro por isso?

2

PARTE



[1]

Os meses passavam, Julião começava a trabalhar antes do sol nascer, só parava à noite e a dívida só crescia. A saudade da família também apertava o peito. “Vim para conseguir dinheiro pra mulher e pros filhos, e até agora nada, só sofrimento”, pensava ele. Foi quando Julião decidiu fugir da fazenda. Ele conversou com seu amigo Emiliano e os dois resolveram que era a única saída. “É isso aí, Julião. Essa história de dívida é enrolação do patrão. Quem deve é ele, e não a gente!”, falou Emiliano. Combinaram de sair de manhãzinha, enquanto Chico Maluco ainda estivesse dormindo.

[2]

Depois de andar por horas no meio da mata, bateu o arrependimento. “Julião, acho que é melhor a gente voltar. E se a gente estiver perdido?”, perguntou Emiliano. “Que nada! É melhor ficar preso na floresta do que voltar para a fazenda. Aquilo era exploração”, falou Julião. O esforço valeu a pena. Quando chegaram à cidade, foram direto ligar para o sindicato dos trabalhadores rurais. Contaram tudo o que sofreram. Assim, o sindicato denunciou o caso para os fiscais do trabalho. No dia seguinte, o Grupo Móvel foi fiscalizar a fazenda para libertar os amigos de Julião que tinham continuado como escravos.



[3]

Logo que chegaram à fazenda, os fiscais ficaram horrorizados com o que viram. Trabalhadores descalços, alojamentos péssimos e jagunços armados. “É trabalho escravo na certa”, afirmou um fiscal. Chamaram o Sr. Benedito, proprietário da fazenda Boa Esperança e disseram:

— O senhor está mantendo seus trabalhadores escravizados. Isso é crime! — disse um fiscal.

— Mas eu não sabia de nada! — tentou se defender Benedito.

— A fazenda é do senhor e a responsabilidade também — emendou o fiscal.

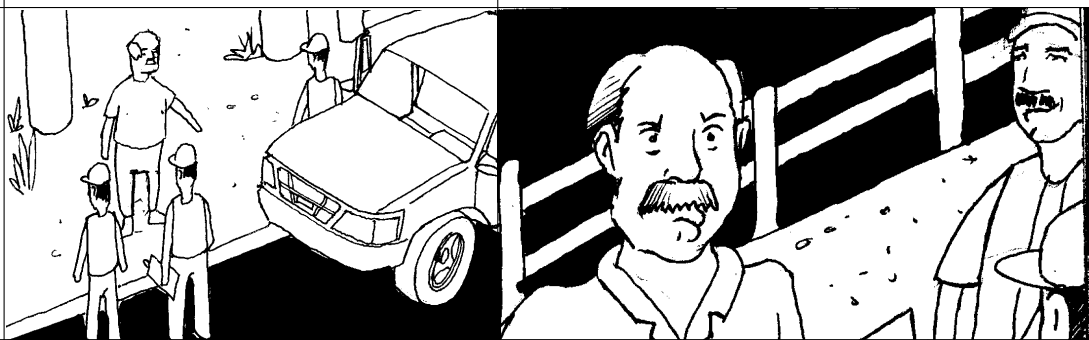
[4]

Assim, o proprietário foi multado e vai responder na justiça. Ele também foi obrigado a pagar o transporte para os trabalhadores voltarem para suas cidades.

Quando souberam da notícia, Julião e Emiliano ficaram felizes. Pela sua denúncia, conseguiram receber o que o patrão lhes devia e também libertar seus colegas.

Aprenderam a lição.

—Nessa a gente não cai de novo! — garantiu Julião.



[1]



A Fuga

Julião percebeu que não restava outra alternativa a não ser fugir. Teve muito medo, pois constantemente Chico Maluco ameaçava matar qualquer um que resolvesse quebrar suas regras. E ainda completava dizendo que o corpo do trabalhador fugitivo ficaria exposto no alojamento da fazenda, servindo de exemplo para outros peões que estivessem sonhando com a fuga.

Somente quando os trabalhadores sentem a falta da liberdade é que percebem que foram enganados e estão sendo escravizados. O trabalho pesado, a humilhação e as péssimas condições da alimentação e do alojamento só fazem crescer a saudade dos familiares e a idéia de fugir. Mas são várias e resistentes as correntes invisíveis que prendem os peões nessas fazendas. Vejam os motivos que dificultam ou impedem a fuga dos trabalhadores escravizados:

Questões para debater

Por que o trabalhador acredita que deve pagar a dívida feita na fazenda?

Por que apenas alguns trabalhadores escravizados conseguem fugir?

① Isolamento GEOGRÁFICO

➡ Em geral, os trabalhadores escravizados são levados para áreas muito distantes de sua cidade. Nas fazendas, percorrem dezenas de quilômetros até chegarem ao local de trabalho, que às vezes fica dentro da floresta, muito longe de estradas e meios de comunicação, como telefones públicos. Os trabalhadores ficam isolados, sem nem saber para que direção correr.

② Ameaças físicas e psicológicas

➡ É comum os trabalhadores serem vigiados por capatazes armados ou pelo próprio gato, que ameaçam agredir fisicamente ou até matar aqueles que ousarem fugir. A ameaça psicológica também é freqüente e acontece quando os capatazes ou o gato ficam enchendo a cabeça dos peões, dizendo que são incapazes, covardes, fracos. O medo, a auto-estima baixa e a humilhação também acabam inibindo a coragem necessária para escapar.

③ Retenção de documentos

➡ Às vezes, o gato apreende os documentos dos trabalhadores, como carteira de identidade e carteira de trabalho, o que também dificulta a fuga.

④ Dívida inventada

➡ Como foi explicado no capítulo 5 da parte 1, tudo que o trabalhador utiliza e consome é anotado em um caderno e, ilegalmente, descontado do seu salário. É criada uma dívida que ele é levado a acreditar que deve pagar. Enquanto não consegue pagar o que acha que gastou, o trabalhador não volta para casa. O que ele não percebe é que esta dívida é sempre maior do que o seu salário, sendo impossível de ser paga com o seu trabalho...



Graças ao apoio de seu amigo Emiliano, Julião superou todas essas barreiras e conseguiu escapar.

[2]

A Denúncia



Julão não sabia como falar com o Grupo Móvel. Essa equipe do governo federal é responsável por verificar as denúncias. Quando uma situação irregular é encontrada, eles libertam os trabalhadores escravizados e garantem o pagamento de todos os seus direitos na hora.

Mas Julão imaginou que alguém do Sindicato dos Trabalhadores Rurais pudesse ajudar. Existem ainda outras entidades que ajudam a repassar denúncias sobre casos de trabalho escravo. Uma das mais importantes é a **Comissão Pastoral da Terra**, conhecida por **CPT**, ligada à Igreja Católica. Ela tem escritórios espalhados por todo o Brasil. Depois de acolher o trabalhador, essas entidades repassam a denúncia para o Grupo Móvel.

IMPORTANTE:

A denúncia é anônima.
Isso quer dizer que o nome
do trabalhador nunca será revelado.
Isso garante a segurança.

Questão para debater

Que entidades podem ajudar a combater o trabalho escravo na sua cidade?



Telefones

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT)

ALAGOAS

Maceió
(82) 3221-8600

BAHIA

Juazeiro
(74) 3611-3550

Rui Barbosa
(75) 3251-2476

Salvador
(71) 3328-4672

Senhor do Bonfim
(74) 3541-4681

S. Maria da Vitória
(77) 3483-1143

Vitória da
Conquista
(77) 3424-5759

GOIÁS

Goiás
(62) 3223-5724

MARANHÃO

Balsas
(99) 3541-2483

Caxias
(99) 3521-4339

Coroatá
(99) 3641-2940

Dom Pedro
(99) 3662-1124

São Luís
(98) 3222-4243

MATO GROSSO

Porto Alegre do
Norte
(66) 3569-1148

Cuiabá
(65) 3621-3068

PARÁ

Altamira
(93) 3515-4742

Marabá
(94) 3321-1461
Tucumã
(94) 3433-1440

Tucuruí
(94) 3787-2588
Xinguara
(94) 3426-1790

PARAÍBA
João Pessoa
(83) 3221-6115

PARANÁ
Curitiba
(41) 3224-7433

PERNAMBUCO
Recife
(81) 3231-4445

PIAUI
Teresina
(86) 3222-4555

RONDÔNIA
Porto Velho
(69) 3224-4800

RIO DE JANEIRO
Campos
(22) 2732-5612

TOCANTINS
Araguaína
(63) 3412-3200

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA AGRICULTURA (FETAG-PI)

Teresina-PA
(86) 3222-8640
(86) 3222-8642

GRUPO MÓVEL DE FISCALIZAÇÃO

BRASÍLIA

(61) 3317-6176
(61) 3317-6435
(61) 3317-6720

MATO GROSSO

Cuiabá:
(65) 3616-4800
(65) 3624-7520

MARANHÃO

São Francisco
(98) 3213-1952
(98) 3213-1950

PARÁ

Belém
(91) 3211-3500
(91) 3223-4258

PIAUI

Teresina
(86) 3221-7704
(86) 3222-6042
(86) 3226-1715
(86) 3222-6042

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO (MPT)

BRASÍLIA
(61) 3314-8585
(61) 3314-8531

SINDICATOS DOS TRABALHADORES RURAIS

BAHIA
São Desidério
(77) 3623-1185
Sintagro
(74) 3611-0642

MARANHÃO
Açailândia
(99) 3538-2005
Balsas
(99) 3541-2338

MATO GROSSO
Vila Rica
(66) 3554-1268

PARÁ

Redenção
(94) 3426-1459

PIAUI

Uruçuí
(89) 3544-1580

OUTROS

ALÔ TRABALHO

Para dúvidas
ou informações
sobre trabalho e
emprego, no Brasil
0800-610101

AATR-BA
(71) 3329-7393

ANSA
Porto Alegre-MT
(66) 3569-1143

ANSA
São Felix do
Araguaia-MT
(66) 3522-1638

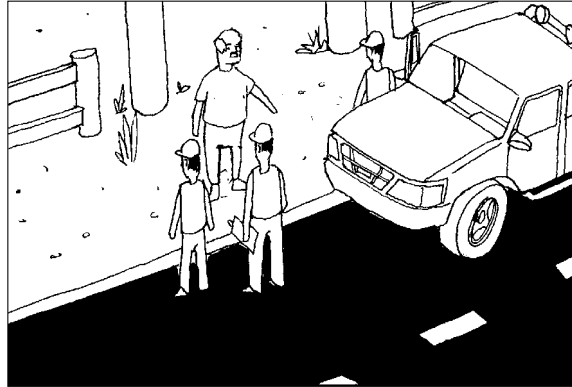
CDH
Araguaína-TO
(63) 3412-4590

COMITÊ POPULAR
DE CAMPOS-RJ
(22) 2722-2750

CENTRO DE
DEFESA DA VIDA
E DOS DIREITOS
HUMANOS (CDVDH)
DE AÇAILÂNDIA-MA
(99) 3538-2383

SPM
Botuporã-BA
(77) 3678-2179

[3]



A Libertação

Julião denunciou a fazenda em que ele e seus colegas haviam trabalhado como escravos. No dia seguinte, o Grupo Móvel – composto por fiscais do Trabalho, procuradores do Trabalho e policiais federais – foi até a fazenda Boa Esperança para checar a denúncia feita por Julião e Emiliano.

Chegando lá, os fiscais logo flagraram algumas das situações que caracterizam o trabalho escravo.

Encontram vários trabalhadores doentes, que disseram que não se alimentavam direito, não tomavam remédio porque era muito caro e, mesmo sem saúde, continuavam trabalhando muito mais do que oito horas por dia. Tinham medo de reclamar ou até de fugir, pois havia na fazenda muitos jagunços armados, com ordens para matar quem ousasse escapar. Os policiais federais apreenderam diversas espingardas e revólveres escondidos na palha que cobria o alojamento.

Além dos depoimentos dramáticos dos trabalhadores e das armas, os fiscais encontraram o caderninho, no qual o gato Chico Maluco anotava todos os gastos dos peões. Era a prova concreta de que aqueles homens estavam sendo escravizados

por dívida, o que é completamente ilegal. Agora estava comprovado: cerca de 40 homens trabalhavam como escravos na fazenda Boa Esperança.

Na próprio local do alojamento, o Grupo Móvel calculou todos os direitos dos trabalhadores (salários, folgas, alimentação, etc.). Quem não tinha carteira de trabalho ou de identidade, ou nenhuma das duas, fez todos esses documentos na hora. Benedito, proprietário da fazenda, foi obrigado a pagar tudo, inclusive o transporte para os peões voltarem para suas casas. E uma pesada multa, afinal, trabalho escravo é crime. Benedito está respondendo a um processo na justiça e pode até ser preso. Como punição, ele também vai ficar sem poder receber empréstimos de bancos.



Questões para debater

Quais são os direitos dos trabalhadores que o fazendeiro escravocrata desrespeita?

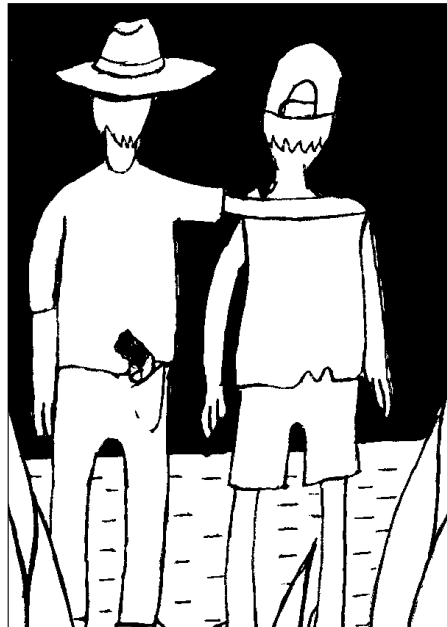
Você acha que Benedito será preso? Por quê?

[4]

Conclusão

Seria bom terminar a história de Julião com um final feliz. Mas nem sempre é assim. Às vezes, o trabalhador não tem escolha. Sem terra, sem emprego, sem renda, ele vira um alvo fácil para os gatos. O trabalhador vê a família passando necessidade e embarca no primeiro ônibus para uma

fazenda longe de sua casa. O peão-de-trecho, que já não vê seus parentes há um bom tempo, perambula pelas estradas à procura de uma empreita. Ele está só no mundo, mas também topa qualquer serviço para não ficar parado. A escravidão procura pessoas sem oportunidade. É por isso que muitos trabalhadores libertados pelo Grupo Móvel acabam caindo novamente na teia da escravidão.





Seria melhor ainda dizer que Julião organizou uma cooperativa com seus amigos. Dizer que eles trabalham em terras que pertencem a eles mesmos. Dizer que tiram do solo o sustento para suas famílias. Ou então dizer que Julião e seus colegas conseguiram pelo menos um emprego decente, onde ninguém os explora e tira a liberdade deles.

Para que Julião e outros milhares de brasileiros que trabalham como escravos tenham um final feliz, é preciso repassar informação. Essa é a idéia do “Escravo, nem pensar!”: divulgar conhecimento para que mais gente fique atenta à realidade do nosso país. Só assim vamos dar um basta nessa situação. Assim, pessoas como Julião vão conhecer seus direitos e lutar por eles.

até

PARTE



3

até 2005
17.000 libertos
32.000 denúncias
1368 fazendas fiscalizadas



Os números do trabalho escravo no Brasil

⚠ De 1995 até meados de outubro de 2005, quase 17 mil pessoas foram libertadas do trabalho escravo pelos grupos móveis de fiscalização. Os grupos móveis são formados por fiscais do Ministério do Trabalho, policiais federais e por procuradores do Ministério Público do Trabalho. Foram 1.368 fazendas fiscalizadas em 364 operações.

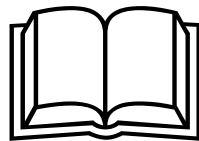
⚠ Os grupos móveis obrigaram os fazendeiros que utilizavam trabalho escravo em suas propriedades a pagar mais de R\$ 20 milhões em direitos devidos aos trabalhadores. O valor corresponde ao pagamento de salários, férias, 13º salário proporcional, fundo de garantia por tempo de serviço, o FGTS, entre outros.

⚠ Já foi encontrado trabalho escravo em 18 estados brasileiros. São eles: Pará, Mato Grosso, Bahia, Maranhão, Tocantins, Rondônia, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte, Acre, Rio Grande do Sul, Paraná e Alagoas.

⚠ Entre 1995 e meados de 2005, quase 32 mil denúncias de trabalho escravo foram registradas pela CPT, a Comissão Pastoral da Terra, em 19 estados. O Pará está em primeiro lugar, com mais de 15 mil denúncias. O segundo estado com mais denúncias é o Mato Grosso.

⚠ A criação de gado é a principal atividade de 80% das fazendas que têm o nome publicado na “lista suja” do governo federal. A “lista suja” mostra as fazendas em que foi encontrado trabalho escravo e que tiveram suas fiscalizações e multas confirmadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

Antiga escravidão



Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou um decreto, abolindo a escravidão do país. Veja a seguir a íntegra do decreto:

A Lei Áurea

Lei n.º 3.353, de 13 de maio de 1888
DECLARA EXTINTA A ESCRAVIDÃO NO BRASIL



A PRINCESA IMPERIAL Regente em Nome de Sua Majestade o Imperador Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do IMPÉRIO que a Assembléa Geral Decretou e Ela sancionou a Lei seguinte:



Art. 1.º — É declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil.



Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

(...)

Apesar de ter sido extinta em 1888, a escravidão ainda é praticada no Brasil dos dias de hoje. Mas a nova escravidão não é igual à antiga escravidão. Veja na página ao lado um resumo das principais diferenças entre as duas formas de escravidão. A tabela é uma adaptação dos conceitos apresentados no livro “Gente Descartável: A Nova Escravidão na Economia Mundial”, do sociólogo norte-americano Kevin Bales, um dos maiores especialistas do tema.

Escavidão X Nova escravidão

DIFERENÇAS ENTRE O TRABALHO ESCRAVO COLÔNIAL E O CONTEMPORÂNEO

A escravidão dos dias de hoje é muito diferente da escravidão antiga, praticada durante os períodos colonial e imperial da história do Brasil. Na tabela abaixo, compare e veja quais são as principais diferenças:

| BRASIL | ANTIGA ESCRAVIDÃO | NOVA ESCRAVIDÃO |
|-----------------------------------|--|---|
| PROPRIEDADE LEGAL | Permitida. O governo garantia por lei o direito a possuir um escravo, pois ele era tratado como uma mercadoria. | Proibida. Uma pessoa não pode ser proprietária de outra. É crime com punições previstas no código penal. |
| CUSTO DE COMPRA | Alto. Para comprar escravos uma pessoa tinha que ter bastante riqueza. Acredita-se que em 1850 um escravo podia custar o mesmo que R\$ 120 mil hoje. | Muito baixo. Os escravos não são comprados, mas aliciados e, muitas vezes, o patrão gasta apenas com o transporte do trabalhador até a propriedade. |
| LUCROS | Baixos. Os proprietários lucravam pouco, pois tinham gastos com a manutenção do trabalhador. | Altos. Se alguém fica doente, é simplesmente mandado embora, sem nenhum direito. |
| MÃO-DE-OBRA | Escassa. Era difícil conseguir escravos. Os proprietários dependiam do tráfico negreiro, da prisão de índios ou de que seus escravos tivessem filhos que também seriam escravizados. | Descartável. Há muitos trabalhadores desempregados em busca de algum serviço e qualquer adiantamento em dinheiro é bem-vindo. Na Amazônia, um "gato" pode aliciar um trabalhador por R\$ 100. |
| RELACIONAMENTO COM O PROPRIETÁRIO | Longo período. Um escravo podia passar a vida inteira trabalhando numa mesma propriedade. | Curto período. Depois que o serviço acaba, o escravo é mandado embora sem receber nada, tem que procurar outro trabalho e pode até virar escravo novamente. |
| DIFERENÇAS ÉTNICAS | Importantes para a escravização. No Brasil, os negros eram vistos como inferiores e por isso podiam se tornar escravos. | Não são importantes. Os escravos são pessoas pobres e miseráveis, mas não importa a cor da pele. |
| MANUTENÇÃO DA ORDEM | Ameaças, castigos físicos, punições para servir de exemplo aos outros escravos e até assassinatos. | Ameaças, castigos físicos, punições para servir de exemplo aos outros escravos e até assassinatos. |

ABC do Trabalho Escravo

LEIA A SEGUIR ALGUMAS PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DO VOCABULÁRIO DA NOVA ESCRAVIDÃO NO BRASIL.

Abono: adiantamento em dinheiro que o "gato" dá à família do trabalhador no momento em que ele é contratado.

Acero: limpeza ao longo do caminho da cerca na fazenda.

Aliciar: seduzir, enganar, envolver.

Apanhar de pano: O mesmo que panada, ou seja, levar surra com o lado cego do facão.

Badequeiro: trabalhador que limpa as lâminas do trator em movimento, tirando barro, pedras ou galhos que ficam presos à grade.

Baladeira: rede de dormir.

Cantina: o mesmo que armazém, onde são vendidas as mercadorias da fazenda.

Cerqueiro: aquele que faz as cercas da fazenda.

Cega jumento: planta que solta um pêlo que cega os roçadores, principalmente as crianças, que por serem mais baixas são atingidas nos olhos.

Cuca: é o cozinheiro da fazenda. Vem da palavra "mestre-cuca".

Diarista: trabalhador que ganha por dia de trabalho, independente da produção. Também não tem direitos garantidos.

Doutor da enxada: é como se chamam os peões que usam bem a en-

xada e rendem bastante no trabalho.

Fechar: matar alguém.

Gato: aquele que alicia a mão-de-obra para o trabalho nas fazendas. Também é conhecido como empreiteiro ou empeleiteiro.

Gambira: troca de um objeto por outro.

Motoqueiro: operador de motosserra.

Peão: trabalhador braçal.

Peão de trecho: trabalhador que não consegue sair da escravidão. Está sempre de trecho em trecho, mudando de uma fazenda pra outra. Também chamado de trecheiro.

Peonagem: outro nome para a nova escravidão no Brasil.

Salário cativo: quando o trabalhador paga pela sua comida.

Salário livre: a comida não é cobrada do trabalhador, mas seu salário é menor que o do cativo. Dessa maneira, a situação é a mesma: o trabalhador gasta mais do que o que ganha para poder comprar o que precisa na cantina.

Taca: Surra violenta com chutes e pauladas.

(*)Baseado em pesquisa da coordenadora do grupo móvel de fiscalização, Marinalva Cardoso Dantas.

* “É preciso se defender”

(Arlindo, Fabrícia, Gracinha, Rafaela e Simone)

Se esperas que o gato
Vai te dar um dinheirão
Pode até ficar maluco
Ou sofrer com a opressão
É preciso ter coragem
Pra mais tarde se defender
É preciso saber viver
Pode ser numa fazenda
No Maranhão ou no Pará
O trabalho escravo existe
E você pode combater
É preciso se defender

Refrão:
É preciso se defender
É preciso se defender
É preciso se defender
Se defender, ê, ê, ê...

Há oferta de empregos
Que você pode recusar
Quando ouvir promessas mil
Que só querem te enganar
O trabalho escravo existe
E você pode recorrer
Chame a CPT

Denuncie pra CPT
Denuncie pra CPT
Denuncie pra CPT
Pra CPT, ê, ê, ê...



* Paródia criada por líderes comunitários de Açailândia (MA), que participaram do projeto “Escravo, nem pensar!”, com base na música “É preciso saber viver”, de Erasmo e Roberto Carlos, regravada pelos Titãs.

Anotações

